

Entrevistado: Joazil Maria Gardês

Entrevistadora: Débora Zampier

Débora Zampier: Está bem. Então vamos começar com o nome, idade, onde o Sr. nasceu, quando chegou em Brasília.

Joazil Maria Gardês: Meu nome é Joazil Maria Gardês, eu nasci em Cuiabá, Mato Grosso, no dia 10 de maio de 1932, você vê, são 79 anos vividos, alguns sofridos e outros, é... gloriosos, diria. Eu vim para Brasília, retomando um pouquinho atrás, em 1936, meu pai mudou-se para Rio Verde, no estado de Goiás, para gerenciar uma gráfica, naquela época a... a composição gráfica era manual, não tinha os requisitos, moderna, a moderna, linotipia, então eu cresci lá com ele, dentro dessa tipografia, e fiz o curso primário em Rio Verde, no grupo escolar Eugênio Jardim, de lá eu retornei à Mato Grosso, fui para o seminário, porque a família muito religiosa, é, tinha na época sete irmãs, sete freiras salesianas, e nenhum padre, então eu fui eleito por elas para ser o padre da família, e, então fui para Cuiabá, fiz seminário Imaculada Conceição, na época custodiado e mantido pelo arcebispo Dom Francisco de Aquino Correia, e, como no seminário eles não permitiam que passasse as férias fora do seminário, na época de férias os seminaristas iam para as colônias indígenas, que eram mantido pelos salesianos, e passavam lá, mas minha mãe então não concordou, ela queria que eu, podia ser padre, mas as férias ela queria que fosse com ela e, a consequência então era que quem fosse para as férias só tinha passagem de ida, não tinha passagem de volta, então fui para as férias e não voltei mais para o seminário, e em função disso vim estudar em Goiânia. Em Goiânia estudei no Colégio Dom Bosco, conclui o curso ginásial na época... e fiz o curso de técnico em contabilidade, na Associação Comercial do Estado de Goiás, e abriram concurso no IBGE, eu prestei o concurso, fui feliz e aprovado, e fui ser agente de estatística em Trindade.

Débora Zampier: Que ano isso?

Joazil Maria Gardês: Isso em 1955. De Trindade, é... em 1955; em 1960, com a mudança da capital para Brasília, o IBGE precisava estabelecer em Brasília também, como todos os órgãos federais vieram pra Brasília, e eu então fui incorporado nesse primeiro grupo de estatística, até por acaso aqui eu tenho o Diário Oficial que publica a minha remoção, o Diário Oficial do dia vinte... não estou enxergando direito, dia 28 de maio de 1960...

Débora Zampier: Vamos fazer imagem disso depois em separado, para ver melhor...

Joazil Maria Gardês: É. A portaria do secretário geral do conselho nacional de estatística, constituindo o grupo de trabalho de Brasília, e fui designado com os funcionários Célio Fonseca, que era engenheiro como inspetor regional de Goiás, Clóvis Ferreira de Moraes, Odilon e eu. Então viemos para Brasília, o IBGE na época funcionava na, na W3, ali ao lado do posto de saúde número um, e nós então começamos a implantar, a dar o suporte para a presidência do instituto, que tem que ter seus contatos com as autoridades é... governamentais. Na época, o IBGE era presidido pelo Dr. Jurandir Pires Ferreira; Dr. Jurandir, salvo um lapso de memória, era oriundo do Piauí, e, aqui no IBGE então ficamos esse período, a...

Débora Zampier: O Sr. se ofereceu pra vim ou foi uma coisa que não tinha escolha, como é que foi isso?

Joazil Maria Gardês: Não, na época, foi aberto um voluntariado, que ninguém queria vir, todo mundo tinha medo. Esse voluntariado era temerário, o Brasil era um bicho de sete cabeças, ninguém sabia o que seria, então eu me inscrevi nesse voluntariado, dos inscritos nem todos vieram, foram escolhidos, não sei por que razão eu fui um dos escolhidos.

Débora Zampier: O Sr. já tinha família na época?

Joazil Maria Gardês: Já, já era casado, já tinha filho, então, estava falando da minha escolha com meus colegas: “Vocês são loucos, ir para Brasília fazer o quê?”. Depois eu falei: “escuta, se eu não gostar eu posso voltar?”. “Pode”. “Então eu vou.” E vim. Aí nós viemos para Brasília, e... as famílias ficaram nas suas cidades, veio só os funcionários designados, e na época a acomodação, tinha o alojamento lá perto do Brasília Palace, chamado Do Ré Mi, eram os alojamentos de madeira que foi feito para acomodar as pessoas que vieram para a inauguração de Brasília, era um alojamento muito bom, embora de madeira, mas era carpetado, bom sanitário, era apartamentozinho individuais, e... não sei se eu me perdi no raciocínio, viemos e as famílias ficaram na sua cidade de origem, todos nós. Então, todos nós, pressionávamos o presidente do IBGE para arrumar um apartamento, a gente tinha que morar, trazer a família para morar aqui, ficar sozinho todo mundo, na sexta-feira mandava, todo mundo embora, só voltava na segunda-feira, eu, por exemplo, família morava em Trindade, que era perto, era fácil, mas outros moravam no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, por aí, ia ter dificuldade, então eu me recordo bem, o professor Jurandir falou assim: “Ó, vocês estão pedindo para que eu consiga moradia pra trazer as famílias, depois vocês vão reclamar, vão questionar que eu fui culpado pelas desavenças, porque enquanto vocês tão aqui sozinho, tão indo pra casa,

é aquela lua de mel, mas aí, a família junto, mas isso era jocosidade dele, era brincadeira. E assim, nós conseguimos os primeiros apartamentos aqui em Brasília.

Débora Zampier: Isso quando, que ano?

Joazil Maria Gardês: 1960

Débora Zampier: 60 mesmo...

Joazil Maria Gardês: Em 60, logo no final de 60 já, ali na 409, na época era apelidado Coréia, em razão da guerra da Coréia, e tinha muito conflito, muita bagunça, lá era a Coréia. Retomando o que eu vinha dizendo, nós recebemos os apartamentos na 409 sul, que à época como eu disse, em razão da, está em fase de construção, operários, é, empresas entregando mobiliário, era aquela confusão, chamava de Coréia, na época, a, havia a guerra da Coréia, e, então, os fato interessante naquela época, a situação financeira não era boa, a verdade era essa, a vantagem de Brasília é que a gente recebia dobrado, tinha a dobradinha, então eu recebia duas vezes o vencimento e isso ajudou bastante, e, com aquela movimentação, móveis que chegavam, era televisão, rádio, geladeira, e, operário que vinha para instalar uma torneira, colocar uma vidraça, um vidro, é, aquela coisa, e meus filhos eram pequenos, achava que aquilo, pessoal que levava, trazia televisão, trazia geladeira, fosse também por conta do governo, do estado, que estaria mantendo, coisa...meus filhos me perguntaram: “pai, que dia que chega nossa televisão?”. Como é que eu ia comprar televisão se não tinha dinheiro? Crédito naquela época não era essa facilidade de hoje, poucas lojas vendiam o crediário, tudo era compra à vista, e assim fomos vivendo. Bem, aí estávamos no IBGE, alguns anos depois, foi criada a UnB, e um colega meu, muito amigo, Anderson Gouveia de Azevedo, ele insistiu para que eu fizesse vestibular, porque eu só tinha o curso técnico de contabilidade, eu disse: “ô Anderson, eu não posso fazer vestibular, há mais de dez anos que eu não estudo, não pego um livro, tenho que trabalhar para sustentar minha família, tenho filhos, ele insistiu muito e eu me inscrevi no vestibular, fui feliz, passei, e concluí o curso de direito na UNB.

Débora Zampier: O Sr. pegou bem o começo do curso...

Joazil Maria Gardês: Eu sou da segunda turma de diretor da UNB.

Débora Zampier: E a faculdade era boa, já tinha tudo montado, já tinha professor?

Joazil Maria Gardês: O corpo docente era... o que tinha de melhor qualidade na época? Os professores de alto nível, reputação internacional, autores, e infelizmente com a revolução de 1964 muitos deles foram cortados, banidos, e a UnB passou por período

bastante crítico, em razão da capacidade do seu corpo docente... é, então eu me inscrevi na UnB, abriu concurso para Câmara dos Deputados, lá fui eu fazer, prestar esse concurso também, aí fiz o concurso numa câmara, fui aprovado, saí do IBGE fui trabalhar na Câmara dos Deputado, nesse período, que eu estava na Câmara, foi que eu concluí o curso de direito na UnB, e, na câmara trabalhei de 1964 a 1980, participei de diversas, em diversas seções, participei das, diversas diretorias da associação dos funcionários, hoje Ascade, conhecida, fui tesoureiro, fui vice-presidente, fui procurador, algum tempo, aí o...concluí o curso de direito, e comecei a querer advogar também, formar só pra ficar com diploma, eu queria mostrar como colega na época, que quando eu terminei o curso, “ah, mais um bacharel”, eu digo: “-não, mais um advogado, eu não vou ser bacharel não.” E fui trabalhando e, num, numa ação na qual eram diversos, as partes eram diversos, contra o ministério da indústria e comércio, o, tinha o Dr. Firmino Ferreira da Paz, que era o patrono de alguns dos instigantes, e eu, defendia com os outros. Em função desse, desse processo do, Dr. Firmino, logo depois fui nomeado procurador geral da república, então ele me convidou pra ser seu assessor, e eu fui ser assessor do professor Firmino, do Dr. Firmino, e nessa, na época, abriu concurso pra juiz de, substituto do tribunal de justiça do Distrito Federal, me inscrevi, também fui bem sucedido, e logo, fui nomeado, tomando posse como juiz de direito substituto, no dia, salvo engano, 18 de setembro de 80, e lá no tribunal eu fiz toda a minha carreira, juiz substituto, juiz...efetivo, mais tarde promovido a desembargador, e infelizmente, tive que deixar, alcançado pela compulsória aos 70 anos de idade, é essa em resumo a minha passagem do nascimento aos dia de hoje, em Brasília.

Débora Zampier: E como foi sua experiência na justiça de Brasília?

Joazil Maria Gardês: Os casos da justiça eram os mesmos que aqui acontece hoje, os problemas humanos são os mesmos, não muda desde a, de Adão, é o Caim matando Abel né, então, os estelionatários, os traficantes, enfim, isso é a mesma coisa, não muda, o ser humano é o mesmo a toda época.

Débora Zampier: Qual vara que era do Sr., qual especialidade, o Sr. tinha?

Joazil Maria Gardês: Ao tomar posse como juiz de direito substituto, a gente tinha que cobrir toda... onde tivesse uma vaga, então, civil, para criminal, para Taguatinga, Sobradinho, Planaltina, onde tivesse uma necessidade de um juiz da vara, eu substituto, para cobrir aquela vaga, eu fui promovido, depois de percorrer essa gama de locais, eu fui promovido para ser vara de família, na 6ª vara de família, eu fiquei mais ou menos uns seis a oito anos, vara de família, aí a minha secretária pediu, falou: “ó Dr., o Sr. podia mudar para uma vara criminal, é que família, já deve conhecer todas, ficou uma coisa tão batida.” Então eu pedi a remoção e fui para a 2ª vara criminal, e na 2ª vara

riminal eu fiquei até ser promovido à desembargador. No tribunal, inicialmente eu fui com a turma civil, fiquei uns seis meses mais ou menos, aí depois ocorreu vaga, fui removido à turma criminal e lá fiquei até ser aposentado.

Débora Zampier: Houve algum caso complexo que o Sr. tenha julgado e se recorda, que tenha sido marcante para a cidade?

Joazil Maria Gardês: Nossa, tenho diversos fatos, diversos crimes, agora teve um que a imprensa colocou os réus como supostamente culpados, é o caso do índio Pataxó, eu fui o relator desse processo, que os rapazes... insanidade, momento impensado, fazendo, pensando em fazer uma brincadeira, provocaram a morte, e a imprensa, como sempre, tomou as dores do Pataxó e crucificaram os rapazes. No meu entender, embora eles tivessem, condenados, foram condenados por homicídio doloso, no meu entender houve um homicídio, mas culposo, eles pensaram em fazer uma brincadeira, essa brincadeira resultou a morte, mas o que prevaleceu foi entendimento do superior tribunal de justiça, do que não houve a simples intenção de brincar, mas o dolo eventual de matar, e foram condenados, cumpriram a pena, e acho que hoje eles estão bastante reabilitados, nunca mais, até os nomes eu me lembro, esse, o caso é esse. Teve um outro caso interessante, na época, uma gangue de, esses halterofilistas. A título de oferecer segurança e garantia, chegam nessas boates, lanchonetes, senhor vai ter que me jogar essa na mão e oferecia garantia, se a pessoa, o dono da boate, ou da lanchonete não quisesse pagar por essa segurança, eles inventavam ali uma briga e quebrava tudo, prejuízo aí, processo imenso, e eram rapazes bastante fortes, fisicamente, e esse processo também eu fui o juiz na época e os condenei, até aconteceu um fato engraçado, eu no aeroporto, levando a minha mulher que viajava, enquanto aguardava a ordem de embarque, nós estávamos sentados naquelas poltronas, e chegou um rapaz em frente à gente e perguntou assim: “Dr. Joazil Gardês?” Eu disse sim, e levantei, eu estava sentado, levantei, para ouvir o que ele ia falar, aí ele disse: “sou fulano de tal, o Sr. me condenou naquele crime (risos), a minha família achou que foi muito injusto a condenação”, mas eu levantei, aquele homem imenso, grande e eu aqui embaixo, pequeno, em desproporção de compressão física, aí eu fiquei pensando “e agora, o quê que vai acontecer?”, mas aí então ele me disse: “olha, eu, a família não gostou, achou que foi injusto, mas na realidade nós estávamos errados, e eu cumpri a pena, e me casei, tenho filhos hoje, e estou trabalhando aqui na Infraero”. Aí isso para mim me deu uma alma nova, falei: “então está bom, você teve uma condição de ajudar muito essa rapaziada, essa juventude que está aí, tem exemplos a dar.” Então foi esse caso e outros mais. Na vara de família teve fatos interessantíssimos e infelizmente quase todos é... têm problemas de sigilo, mas tem alguns, hoje é um problema muito sério: a homofobia, então tem processo na área de família de mulher que deixava o marido para viver com outra colega, marido deixava mulher para viver com namorado...

Débora Zampier: Isso lá atrás?

Joazil Maria Gardês: Na vara de família.

Débora Zampier: Quando o Sr. chegou aqui estava aquele burburinho, aquela coisa toda, quê que o pessoal costumava fazer, quê que o Sr. costumava fazer, qual era o seu hobby, quê que o Sr. gostava de fazer?

Joazil Maria Gardês: Bom... no início de Brasília era, Brasília tava naquela situação insípida, a gente durante a semana, era o trabalho, natural... no IBGE no caso, nós montamos uma cozinha, uma cantina, para fazer as refeições e a cada semana, ou quinze dias, era um de nós que administrava essa cantina, então íamos ao Bandeirante, Cidade Livre, para comprar os mantimentos, para fazer almoço, contratamos a cozinheira, e fazia refeições e assim passava a semana, aqueles que tinham melhor condição financeira, ia, tinha as boates, tinha uma boate que chamava Pilão, e tinha uma borboleta bonita, lá, hoje, salvo engano, é ali no final da W3, é... da Amil, fora isso foi ter essa boate perto do setor hoteleiro. Brasília era poeira, era um 'poeirão' danado, não tinha o asfalto, asfalto estava começando, tanto que no aeroporto vendia vidrinhos com poeira de Brasília, para pessoa levar como souvenir, estava quentinha, poeira de Brasília, estava aquele 'poeirão', mas era bom.

Débora Zampier: E tinha o lago Paranoá já, estava tudo montado, tudo certinho...

Joazil Maria Gardês: Já, o lago já estava completo, tinha alcançado a cota mil, não tinha essa quantidade de lanchas e o uso dele era muito pouco, mais para pescado...

Débora Zampier: O pessoal pescava ali aquela época...

Joazil Maria Gardês: Pescava, mais uns peixinhos sem-vergonha. Hoje, 50 anos, os peixe já cresceram; naquele época tinha sido trazido da África, salvo engano, tilápias, é, para povoar o lago e consumir a matéria orgânica que a água cobriu ali na região do Brasília Palace, tinha uma invasão de operários, chamava salvo engano, era Vila Amauri, e essa Vila Amauri foi coberta com a água, fecharam as comportas, a água cobriu tudo aquilo, você vê aqueles barracos, fossas, tudo o mais, então a tilápia veio para fazer a limpeza do lago.

Débora Zampier: E o Sr. tinha crianças, na época que o Sr. veio com a família. Havia colégio, parque, quê que eles faziam?

Joazil Maria Gardês: Tinha os meus garotos na época tinha... 5, 6 anos o mais velho, então estudavam no jardim de infância ali na 208 sul, tinha o jardim de infância, a gente

morava na 409, na 408, e eles frequentavam; o jardim de infância era muito, o jardim de infância eu não digo, toda escola de Brasília na época, tem o, Elefante Branco, o Caselli, então essas escolas que têm famosa já existia na época, era muito, é... como poderia, me falhou a palavra... Democrática, então os meninos no jardim de infância da 208, tinham como colegas de classe, João Vicente, Denise, filha do João Goulart, não sei quem, filho do senador fulano de tal, eram os amigos deles, era os colega de aula; tanto tinha as festinha de aniversário, a gente passava aperto, sempre eram convidados, e eles queriam ir, “meu colega vai fazer aniversário, me chamou, como é que eu não vou?”. E a gente tinha, às vezes ia. Uma vez um neto de um senador, salvo engano do Maranhão, convidou para que passasse o dia lá, na casa dele, então eu levei meu menino, e na hora de servir o lanche o mordomo serviu melancia, e o garoto que “que mamão gostoso”, e era melancia (risos), e essas coisinhas da vida que vão acontecendo. Mas, fim de semana geralmente a gente ia para casa, passava sábado e domingo com a família e retornava na segunda.

Débora Zampier: O pessoal diz que naquela época era muito mais frio, mais do que é hoje...

Joazil Maria Gardês: Frio era bastante. Ventava muito e não tinha essa quantidade de concreto que existe hoje, os edifícios eram como diz, arranha-céu, não tinha tanto asfalto, o frio era muito mesmo, ali ventava muito, e criava-se... agora hoje em Brasília é até interessante que têm muitos profissionais de mito, é, muitos fatos que o povo tem como sendo homenagem, por exemplo, ali na 403, quatrocentos e... 407, edifício JK, muita gente ainda hoje pensa que aquilo é uma homenagem feita à Juscelino, e não era, era uma crítica que se fazia aos apartamentos, que o apartamento só tinha janela e quitinete, aí o JK, estou vendo aí que você... a, na praça dos três poderes tem uma escultura, não sei agora dizer o nome, eram os dois guerreiros, todo mundo falava que era os dois candangos, não tinha nada a ver com os candangos, a, a escultura foi feita com dois guerreiros, e assim foram diversas, diversos mitos que existem em Brasília...

Débora Zampier: Qual foi sua impressão da cidade naquela época?

Joazil Maria Gardês: É em 1960, quando Brasília foi inaugurada já estava pronto o Congresso, a Esplanada dos Ministérios já estava quase toda completa, faltando alguns poucos edifícios que foram construídos posteriormente, no caso do Ministério das Minas e Energias, salvo engano, foi o último, agora essa atual... onde tem o Museu da República, a Biblioteca Nacional, são coisas mais recentes. Mas o restante, todas já estavam, naquela época, os tribunais também, Supremo Tribunal, já estava pronto. Hoje já é STJ, mas na época, era o Superior Tribunal de Justiça, é Tribunal Federal de Justiça (TRF), já estava pronto onde hoje funciona a Justiça Federal, e a Justiça do Distrito

Federal funcionava num dos blocos dos ministérios, o bloco D, que não tinha prédio... dois ou três andares que funcionava a justiça.

Débora Zampier: Até hoje o pessoal, diz que brasiliense se encontra nos restaurantes. O que o pessoal costumava comer, o que era tradicional, onde o Sr. gostava de ir?

Joazil Maria Gardês: Brasília tinha naquela época alguns restaurantes que eram famosos, como devia ser, hoje se fala muito no Piantella, mas muito antes do Piantella se falava, tinha o Roma, na W3. Tinha outro, o nome me falha, a memória está me traindo, mas tinha, o outro era na biblioteca, ali entre a quadra, acho que a Biblioteca nacional funciona ali, criaram o GTB, era um restaurante à La carte, e popular, bandejão, então dizia que era o restaurante dos ricos e dos pobres, era o GTB, trabalho de Brasília, depois transformaram em biblioteca, fecharam o restaurante, abriram a biblioteca, e Brasília ainda hoje, salvo se não estou enganado, é uma cidade festiva, Brasília tem festas 365 dias por ano, todo dia tem festa, eu falo aqui em casa, eu vivo dizendo que quando a festa não é aniversário, todo mundo faz festa, e festas são fabulosas!

Débora Zampier: E sempre teve?

Joazil Maria Gardês: Sempre teve, não tinha outra solução. Aí vinha, dizia que Brasília é uma cidade que não tinha esquina, então o nordestino que era a maioria da população na época, que eram os donos de boteco, então não tinha aquela, aquele conhecimento dos ‘botequeiros’ lá do Rio de Janeiro, ou do português da padaria, então você tinha que improvisar e aprender fazer, aí virou essa Brasília de hoje.

Débora Zampier: Quê que o Sr. sente falta assim mais falta daquela época? Do quê que o Sr. é mais saudoso assim, ou que o Sr. gosta até hoje?

Joazil Maria Gardês: Na época todo mundo conhecia todo mundo, é, como a gente estava falando, meus filhos eram pequenos e, qualquer coisa que eles fizessem, quando eu chegava, quando eles chegavam em casa eu já sabia, alguém sempre contava o que aconteceu, qualquer peraltice, qualquer coisa que fizessem ou bem feito ou mal feito, a gente tomava conhecimento, então todo mundo conhecia todo mundo, tinha essa vantagem. Hoje não, ninguém conhece mais ninguém, na minha rua eu conheço uns três ou quatro vizinhos, o resto não sei quem são.

Débora Zampier: O Sr. achava que Brasília se tornaria o que é hoje?

Joazil Maria Gardês: Naquela época a gente, do IBGE, eu sou um ardoroso defensor de Brasília, Brasília foi prevista pra ter 500 mil habitantes, era em 2010, a previsão era essa, essa explosão, Polícia, levou a essa, esse gigantismo, que Brasília tem hoje, não sei se foi



bom ou não, mas a gente nunca esperava que Brasília fosse se tornar o que é hoje. Naquela época, achava que fosse a cidade tipo Washington, não tem, não se desenvolve naquela cidade estritamente funcional, não sei esse gigantismo, esse crescimento foi benéfico ou não, mas o tempo vai dizer, o futuro. Hoje Brasília enfrenta essa questão do tombamento, e também vendo uma entrevista há poucos dias atrás do Niemayer, dizendo que tombamento é uma bobagem, está impedindo Brasília de se desenvolver, não sei se algum dia vai ocorrer o destombamento ou não.